

"L'Inferno como recusa definitiva de Deus

MEDITAÇÃO 3

Como introdução

Já se passaram algumas horas desde que caminhamos em direção a Chartres, e essa peregrinação é uma oportunidade única para nos concentrarmos no essencial: ao entardecer de nossas vidas, quando estivermos diante de Cristo, seremos julgados. Sobre o que será esse julgamento? Sobre o amor. Se morrermos no amor, se nossa alma estiver em estado de graça, ouviremos estas palavras de Jesus: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo."¹ No entanto, se, infelizmente, morrermos em estado de pecado mortal, sem nos arrependermos e sem acolher o amor misericordioso de Deus², essa sentença terrível será ouvida: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno."³ E então, Jesus "enviará seus anjos, que reunirão todos os que praticam a iniquidade [...] e os lançarão na fornalha ardente."⁴

Ideias principais

- Muitos seguem o caminho da perdição.
- Nossa fé contém uma graça de conversão.
- O homem, em estado de pecado mortal no dia de sua morte, é imediatamente conduzido ao Inferno.
- A Igreja ensina que o Inferno não é temporário nem vazio.

2. *Catecismo da Igreja católica* n°1033 3. São Mateus (25, 41)

4. São Mateus (13, 41-42)

- Deus, por meio de Suas graças abundantes, faz tudo para nos incentivar a agir corretamente.
- Alguns pecados são mortais. Podemos nos acostumar com eles, nos auto-perdoar e acabar por nos acostumar com eles.

Introdução

Caro peregrino, sim! O Inferno existe; e sim, se eu não levar a sério os avisos de Cristo, se eu perseverar no meu pecado, se eu recusar confessar-me, então esta frase de Jesus é diretamente dirigida a mim: "Larga é a porta, espacoso é o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ele." (Mateus 7, 13).

Mas a boa notícia é que não há fatalidade. No Inferno, há apenas voluntários, ou seja, pessoas que se recusaram a acolher a graça de Cristo. A todo homem é oferecida a possibilidade de seguir o caminho que leva à vida eterna.

Caro peregrino, você está na encruzilhada; uma escolha se apresenta a você: com a graça de Deus, subir o caminho íngreme que leva ao Céu, ou, recusando essa graça, embarcar na autoestrada do pecado que conduz ao Inferno. E como a meditação sobre as grandes verdades de nossa fé contém uma graça de conversão, eu te convido a meditar sobre o que a fé católica ensina sobre o Inferno.



O que é o Inferno?

O ensinamento da Igreja

Você conhece provavelmente a famosa música de Michel Polnareff, que cantava nos anos 60: "On ira tous au Paradis..." (Todos nós iremos para o Paraíso...). O drama é que essa opinião agora é muito difundida e às vezes é ensinada por alguns teólogos. Portanto, é necessário ter ideias claras sobre o assunto. Eis o que afirma o Catecismo: "A Igreja afirma a existência do Inferno e a sua eternidade. As almas daqueles que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente após a morte aos Infernos, onde sofrem as penas do Inferno, o 'fogo eterno'". Para entender bem este ensinamento, sugiro que "desmantulemos" algumas interpretações erradas desta doutrina.

Refutação de algumas doutrinas heterodoxas

- O Inferno existe, mas é temporário

Esta ideia remonta aos primeiros séculos da Igreja. Encontra-se em Orígenes, um autor do século IV. É a doutrina da apocatástase (um termo chique para se usar em um jantar...): no fim do mundo, Deus, por seu poder todo-poderoso e sua misericórdia, destrói o Inferno e salva os condenados de sua pena eterna. Essa doutrina foi condenada pelo Papa Virgílio no século IV. **A eternidade do Inferno é uma consequência direta da gravidade do pecado mortal**, "nossa liberdade tendo o poder de fazer escolhas para sempre e sem retorno".

5. São Mateus (7, 13)

6. *Catecismo da Igreja católica* n°1035

7. *Catecismo da Igreja católica* n°1861

- O Inferno existe, mas está vazio

Esta ideia infelizmente é bastante difundida, mesmo entre alguns teólogos católicos. Expressa-se no slogan: "esperar por todos". Segundo essa opinião, as palavras terríveis de Jesus sobre o inferno, as trevas exteriores, o fogo eterno, seriam na verdade ameaças pedagógicas destinadas a nos incentivar a agir corretamente, mas na prática nunca seriam executadas. Como responder a essa objeção? A Igreja, de fato, nunca fez uma espécie de "canonização reversa", ensinando que tal pessoa está no inferno. Mas os avisos de Jesus pressupõem a realidade do perigo. Caso contrário, reduziríamos a pregação do Salvador a um mero artifício destinado a assustar, algo como uma ameaça feita pelos pais sem a menor intenção de cumpri-la: "Se você não se comportar, vou te deixar sozinho em casa durante todas as férias!" Isso significaria que Jesus teria escolhido usar uma espécie de "mentira útil", o que não é digno daquele que disse: "Eu sou a Verdade". Não, verdadeiramente, a possibilidade da condenação é uma possibilidade real, e o fato de que algumas almas vão para o inferno é uma verdade pertencente à doutrina católica. Isso é confirmado pela Santa Virgem aos videntes de Fátima, permitindo-lhes ver os sofrimentos atrozos das almas condenadas: "Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores."

Como alguém pode ir para o Inferno?

O Inferno é esse estado de separação definitiva de Deus. A única maneira de ir para o Inferno é, portanto, se separar dele e morrer nesse estado de separação. No entanto, estamos unidos a

Deus pela caridade teológica, depositada em nossa alma no dia do nosso batismo. Essa virtude nos permite amar a Deus acima de todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos.

O pecado mortal

A única maneira de o homem perder a caridade e, portanto, romper essa união sobrenatural com Deus, é cometer um pecado mortal. Pecado que leva bem o seu nome: ele mata em nós a vida divina da graça. São João Paulo II o define assim: "Chamamos de pecado mortal o ato pelo qual um homem, livre e conscientemente, recusa Deus, sua lei, a aliança de amor que Deus lhe propõe, preferindo voltar-se para si mesmo, para alguma realidade criada e finita, para algo contrário à vontade de Deus." O pecado mortal é o amor próprio até o desprezo por Deus. Ou, em termos menos teológicos, "gozar sem restrições", em vez de "dar sem contar". **Para que haja pecado mortal, três condições devem ser reunidas:**

1.O ato praticado deve ser objetivamente grave;

2.Deve ser feito em pleno conhecimento;

3.E de forma voluntária.

O Inferno ou o pecado mortal "eternizado"

O pecado mortal é, portanto, um ato livre no qual eu coloco minha última finalidade, o objetivo da minha existência, em uma criatura, geralmente em mim mesmo. Ao agir assim, crio uma espécie de mundo paralelo; pois, na verdade, é Deus que é minha última finalidade e meu objetivo último, não eu. Compreende-se, portanto, que o pecado mortal acarreta por si mesmo uma pena infinita, eterna. Pois é uma ofensa ao bem infinito, que é Deus mesmo.

8. São João Paulo II, *Reconciliatio e penitentia*, n°17

Ao pecar, eu me torno o centro da minha existência e, portanto, me isolo em mim mesmo. Santo Tomás de Aquino percebeu bem essa dinâmica infernal do pecado: "**Ao pecar uma primeira vez**", ele escreve, "**imaginamos que podemos depois nos abster do pecado; mas acontece exatamente o contrário, pois o primeiro pecado nos enfraquece e nos torna mais inclinados ao pecado.**" No início, achamos que somos espertos o suficiente para contornar a proibição: apenas uma vez, apenas um copo, apenas um clique... Mas muito rapidamente, a armadilha se fecha, e frequentemente com grande violência, pois a vontade humana é feita para o bem infinito, para o fim último, para Deus. Pecar é precisamente desviar-se do seu fim último para se voltar para um bem finito e limitado como se fosse o bem infinito. Enquanto nosso amor não for corrigido, nos tornamos escravos das coisas que amamos. Como Harpagão, o avaro de Molière, que coloca todo o seu desejo na posse do dinheiro. Certamente, ele tem o que quer, em um sentido, mas a que preço: ele se torna literalmente possuído pelo dinheiro. Ou, exemplo ainda mais eloquente: Gollum em O Senhor dos Anéis. O domínio que o anel exerce sobre ele é tão profundo que Gollum acaba perdendo sua identidade. Ele é, no sentido literal, alienado, outro que não ele mesmo. É uma boa alegoria do que o pecado realiza em nós.

Certamente, enquanto estou vivo, posso me converter. Sob a influência da graça, posso me arrepender do meu pecado, confessá-lo e recuperar a união com Deus pela caridade.

Mas com a morte, que consiste na separação da alma e do corpo, toda mudança é impossível: a alma fica definitivamente fixada em sua escolha a favor ou contra Deus. E, portanto, a alma que morre em estado de pecado mortal fica eternamente fixada nesse estado de ódio a Deus. E esta é a principal causa de seu sofrimento.

Quais são os sofrimentos do Inferno?

Distinguem-se duas dores, dois castigos nos condenados. A pena do dano e a pena do sentido. Essa distinção não é arbitrária, mas decorre da própria natureza do pecado mortal. O pecado grave, como vimos, consiste em se afastar de Deus, o bem infinito [primeiro aspecto], para se voltar para uma criatura, ou seja, um bem finito [segundo aspecto].

A pena do dano

Ao ato de se afastar de Deus, corresponde a pena do dano, do latim *damnum*, que significa "perda de Deus". É o sofrimento principal das almas que estão no Inferno. Com efeito, o homem foi criado para estar unido a Deus, o que corresponde ao seu desejo mais profundo. Como escreve Santo Agostinho: "Tu nos fizeste para Ti, e nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti." O condenado vive, portanto, no mais íntimo de seu ser, uma tensão permanente entre esse desejo de Deus, que permanece inscrito em seu coração, e sua vontade eternamente desviada de Deus pelo pecado mortal. Sim, como escreveu Bento XVI, "o Inferno é onde Deus não está".

A pena do sentido

Ao segundo aspecto do pecado, ou seja, o fato de se voltar de maneira desordenada para uma criatura, corresponde a **pena do sentido**. Isso é o que chamamos **o fogo do Inferno**. Essa pena vem reparar a desordem causada pelo apego desordenado aos prazeres terrenos. Mais espetacular em um sentido do que a pena do dano, na verdade é menos profunda do que esta última. Após a ressurreição da carne, os corpos dos condenados serão associados à pena do sentido.

Conclusão

Caro peregrino, esta é a doutrina da Igreja sobre o Inferno. Se eu insisti em lembrá-la, não foi para criar uma "pastoral do medo", mas porque é a verdade. E a verdade liberta. A coisa mais importante a lembrar é que a eternidade do Inferno, assim como os terríveis sofrimentos dos condenados, são, na verdade, o reverso desta outra verdade central da fé: Deus é Amor. Se Deus é amor, só podemos viver em Deus se participarmos desse amor. Quando recuso as atenções do Amor divino, coloco-me em um "estado de autoexclusão" da comunhão com Deus, e essa autoexclusão pode se tornar definitiva se eu morrer nesse estado. Então, se sua consciência o acusa de algo (talvez um pecado que você nunca teve a coragem de confessar, e que carrega como um fardo há anos), aproveite esta peregrinação para depositar esse fardo junto a um sacerdote no confessionário. Você experimentará uma alegria imensa. Pois se o pecado mortal é um vislumbre do Inferno, a vida da graça é um começo da alegria do Céu!

Bibliografia

Louis-Marie DE BLIGNIÈRES, *Les Fins dernières*, Dominique Martin Morin,

1994, 144 p.

Louis-Marie DE BLIGNIÈRES, *La Mort et l'au-delà*, Poitiers, Dominique Martin Morin, coll. "Sedes Sapientiae", 2018, 112 p.

Sedes Sapientiae, n°142 (um dossier sur les fins dernières).

Christophe J. KRUIJEN, *Peut-on espérer un Salut universel ? Étude critique d'une opinion théologique contemporaine concernant la damnation*, Paris, Parole et Silence, 2017.

“ „ Citações 3 - *O Inferno como recusa definitiva de Deus*

Certas falsas doutrinas ensinam que não é necessário se arrepender para ser salvo, no entanto, o rico que foi para o Inferno na história de São Lucas não acreditava nem por um segundo quando disse: "Eu te rogo, pai Abraão, que envies Lázaro à casa de meu pai; pois tenho cinco irmãos. É para que ele lhes dê testemunho, para que não venham também para este lugar de tormento." Abraão respondeu: "Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos." E ele disse: "Não, pai Abraão, mas se alguém dos mortos for ter com eles, eles se arrependerão." E Abraão lhe disse: "Se não ouvem Moisés e os profetas, tampouco acreditarão, ainda que alguém ressuscite dentre os mortos." São Lucas (16, 27-31)

Não temais aqueles que matam o corpo e não podem matar a alma; teme antes aquele que pode fazer perecer a alma e o corpo no inferno. São Mateus (10, 28)

Vistes o Inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para salvá-las, o Senhor quer estabelecer no mundo a devoção ao meu coração imaculado. Nossa Senhora às crianças de Fátima

As almas daqueles que morrem em estado de pecado mortal, ou apenas com o pecado original, descem imediatamente ao Inferno, onde recebem, no entanto, penas desiguais. Concílio de Lyon (1274)

9. *Catecismo da Igreja Católica* n° 1033

Retirai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos. Pois tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; eu era estrangeiro, e não me acolhestes; nu, e não me vestistes; enfermo e prisioneiro, e não me visitastes. São Mateus (25, 41-43)

Que eu não seja, ó meu Jesus, separado da vossa inefável glória! Ó meu Cristo Jesus, colocai-me entre as ovelhas da vossa direita e concedei-me, na vossa misericórdia, o repouso eterno. Ofício grego do dulcíssimo Jesus

O destino das crianças mortas sem batismo

MEDITAÇÃO 3 bis

Qual é o destino das crianças mortas sem batismo? A resposta a essa pergunta é delicada, especialmente porque frequentemente está envolvida em uma carga emocional forte (e totalmente legítima) para as famílias confrontadas com a provação da perda de um filho não batizado.

A dificuldade principal surge do fato **de não encontrarmos na Revelação um ensinamento claro e direto sobre essa questão**. Devemos considerar três princípios em conjunto:

"Deus quer que todos os homens sejam salvos1." Isso é o que chamamos de vontade salvífica universal.

Essa Salvação é sobrenatural, ou seja, é concedida pela participação no mistério pascal de Cristo, fonte de toda graça.

Todos os homens, exceto a Santíssima Virgem e Jesus, nascem marcados pelo pecado original, cujo castigo é a privação da visão de Deus2. E é pelo batismo, de acordo com o curso normal das coisas, que a alma é purificada do pecado original.

Consequentemente, a Igreja ensina o seguinte: "Em relação às crianças, devido ao perigo de morte que frequentemente pode ocorrer, **como não é possível socorrê-las por outro remédio além do sacramento do batismo**, pelo qual são arrancadas do domínio do diabo e adotadas como filhas de Deus, ela [a Santa Igreja Romana] adverte que não se deve adiar o batismo por quarenta ou oitenta dias [...], mas deve ser conferido o mais cedo possível3."

Este texto, juntamente com muitos outros, descarta a existência de uma lei geral que permitiria afirmar a Salvação de todas as crianças mortas sem batismo.

Isso é uma consequência das palavras de Cristo: **"Ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer da água e do Espírito4."**

Breve panorama histórico

Santo Agostinho acreditava que as crianças mortas sem batismo iam para o Inferno, mas como não haviam cometido pecado pessoal, sofriam "penas muito suaves".

1. Primeira epístola de São Paulo à Timóteo (2, 4) 2. Inocente III, *Majores Ecclesiae*, DS 780

3. Concílio de Florença, 1442, DS 1349

4. São João (3, 5)

Os teólogos medievais argumentaram, no entanto, que as almas que não cometeram pecado pessoal não podem sofrer a pena dos sentidos, e no século XIII postularam a existência dos limbo. São Tomás de Aquino considera que as almas das crianças que estão no limbo desfrutam de uma felicidade natural: certamente, elas não veem Deus face a face, mas não sofrem, e sua natureza é perfeitamente satisfeita. Elas experimentam uma alegria natural. Observa-se aqui que a questão dos limbo toca na articulação entre natureza e graça, uma questão muito delicada, mas fundamental.

Essa doutrina dos limbo se impôs e se tornou uma doutrina comum entre os teólogos, sem ser ensinada pelo Magistério, até meados do século XX. A partir dessa data, muitos teólogos criticaram os limbo, e em 2007, um texto foi publicado pela Comissão Teológica Internacional: *A Esperança da Salvação para as crianças que morrem sem batismo*. Neste texto, os teólogos buscaram mostrar como as crianças mortas sem batismo poderiam ir para o Céu, explicando que Deus não está vinculado aos seus sacramentos e, portanto, pode conceder a graça que purifica do pecado original e abre a porta do Céu sem administrar o sacramento do batismo.

Portanto, há uma possibilidade para as crianças mortas sem batismo irem para o Céu, mas nenhuma certeza de que isso realmente aconteça. Por isso, este texto lembra que a doutrina dos limbo "permanece uma opinião teológica possível" (nº 41).

O Catecismo da Igreja Católica exorta à oração, mas sem afirmar que todas as crianças mortas sem batismo vão para o Céu: "Quanto às crianças mortas sem batismo, a Igreja só pode confiá-las à misericórdia de Deus, como faz no rito fúnebre para elas. De fato, a grande misericórdia de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos e a ternura de Jesus para com as crianças, que o fez dizer 'Deixai as crianças virem a mim, não as impeçais'⁵ nos permitem esperar que haja um caminho de salvação para as crianças mortas sem batismo⁶."

5 Conclusões

- 1. Não podemos afirmar com certeza que todas as crianças mortas sem batismo alcançam a visão beatífica. A razão teológica e a prudência pastoral incentivam a manutenção da doutrina dos limbo: é, no estado atual do desenvolvimento dogmático, a única possibilidade para quem deseja conciliar as verdades de fé envolvidas no destino das crianças mortas sem batismo.**
- 2. No entanto, essa conclusão não deve obscurecer o fato de que Deus pode, segundo sua sabedoria e misericórdia, elevar essas crianças à vida da graça, comunicando-lhes os méritos de Cristo, e assim, dar-lhes parte na glória do Céu. Mas a realização dessa possibilidade está na única liberdade divina, sem que nada na Revelação nos autorize a tirar disso uma lei geral.**
- 3. Uma dificuldade real permanece com essa doutrina dos limbo: como articular a doutrina dos limbo com a vontade salvífica universal? Mas as desvantagens associadas a essa doutrina são menores do que as que surgiriam de seu abandono.**
- 4. A melhor atitude dos pastores é incentivar fortemente os pais, desde a concepção de seu filho, a confiá-lo à misericórdia de Deus, rezando por ele e celebrando missas em sua intenção. E, claro, após o nascimento, não adiar, sob nenhum pretexto, o batismo. Como lembrou a Congregação para a Doutrina da Fé em 1980, "pela sua doutrina e prática, a Igreja mostrou que não conhece outro meio além do batismo para garantir aos pequenos a entrada na bem-aventurança eterna⁷."**
- 5. Quanto ao resto, a menos de uma improvável intervenção do magistério, devemos reconhecer que o destino dessas crianças deve permanecer envolto nos véus do mistério.**

São Marcos (10, 14)

Catecismo da Igreja Católica (nº1261) 7. Instrução Pastoralis actio, 20 de outubro de 1980, nº 13